

A ironia como atividade política em interações on-line

Irony as political activity in online interactions

Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos Marques¹
Kazue Saito Monteiro de Barros²

Resumo: O trabalho busca investigar como declarações de personalidades políticas são apropriadas de forma irônica em interações públicas na *web*. Baseia-se numa perspectiva sociodiscursiva de análise da interação para entender a ironia como atividade de linguagem, usada com fins avaliativos. A ironia concretiza-se através de diversas formas de construção, focalizando-se neste trabalho o recurso da menção ecoante, que consiste na referência, como um eco, ao discurso de outro. O efeito irônico resulta do proposital distanciamento entre o que é dito e o que é significado. Os achados sugerem que a estratégia da menção ecoante é um dos mais frequentes mecanismos na produção da ironia no tocante a enunciados políticos na *web*.

Palavras-chave: Interações on-line. Ironia. Menção ecoante.

Abstract: This work aims at evaluating how politician's statements are ironically appropriated in public interactions on the web. It is also based on a sociodiscursive interaction analysis in order to understand the irony as a language activity with evaluative purposes. The irony is materialised through different ways, but, in this paper, the focus is the echoic mention, which consists of the reference, as an echo, to other's discourse. The ironical effect results from the intentional distance between what is said and what is meant. Our findings suggest that the strategy of echoic mention is one of the most frequent mechanisms on the production of irony regarding utterances on politics on the web.

Keywords: Online interactions. Irony. Echoic mention.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: girllayne.marques@ufpe.br.

² Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, Recife, PE, Brasil. Bolsista de produtividade CNPq 1D. Endereço eletrônico: kazuesaito@uol.com.br.

Introdução

O conceito de ironia (em grego *eironeia*) foi formulado inicialmente por Platão (1965) para referir a estratégia discursiva usada por Sócrates em seu método maiêutico, significando “a ação de perguntar fingindo ignorar” (MIOTTI, 2010, p. 119) de modo a levar seus oponentes à contradição e ao ridículo, questionando-lhes através de suas próprias asserções. Tradicionalmente estudada na literatura e na filosofia, a ironia paulatinamente tem se tornado objeto de investigação da linguística e tem sido abordada primordialmente a partir de sua importância na interação. Nesse sentido, pretende-se analisar como, no contexto contemporâneo brasileiro, a ironia surge como recurso estratégico para repercutir publicamente declarações de personalidades políticas, questionando-as. Além do ironista, é evocada na conceituação platônica a figura do *alazon*, ou seja, a vítima da ironia, cuja presença dentro da ironia socrática ocorre através do enunciado mencionado, mas não efetivamente usado, o que será mais bem discutido por Sperber e Wilson (1981).

Para Hutcheon (2000), com base no fingimento a ironia socrática busca evitar o dogmático e questionar os valores propostos pelos opositores, levando-os à contradição, mas sem assumir os riscos de um questionamento explícito. Desse modo, sendo ao mesmo tempo fingimento e comunicação, a ironia é um acontecimento ocorrido na dimensão do discurso cujo propósito é a avaliação (HUTCHEON, 2000), principalmente negativa, se constituindo uma estratégia enunciativa (BRAIT, 2008) de natureza inferencial. Hutcheon pontua a necessidade de sinalizar ao interlocutor a presença de intento irônico, havendo para esse fim diversos mecanismos, dos quais destacaremos a menção ecoante, definida como “processo pelo qual os decodificadores identificam pela inferência ecos de outras elocuições e o papel que isso pode ter em criar expectativas de significado e intenção irônicos” (HUTCHEON, 2000, p. 226).

O interesse pela menção ecoante, presente já na gênese da conceituação de ironia, se acentuou a partir de pesquisa anterior (MARQUES, 2016), quando se constatou uso expressivo desse recurso, observado novamente em ocorrências posteriores no contexto político. Nessa direção, o objetivo principal da pesquisa é examinar como declarações de personalidades políticas são apropriadas de forma irônica em interações públicas, constituindo como objetivos específicos: a) estabelecer uma conceituação do que seja ironia e a ironia por menção ecoante particularmente; b) observar a repercussão de tais declarações nas redes sociais e o potencial irônico dessa repercussão, selecionando alguns casos e buscando descortinar as múltiplas significações latentes na enunciação irônica. Para tanto, recorreremos aos mecanismos utilizados para se construir o efeito irônico, buscando destacar as pistas de contextualização, vistas como

pistas convencionais de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor (GUMPERZ, 1998).

O material utilizado para análise é parte do *corpus* de dois projetos anteriores em que se buscou analisar o uso da ironia na avaliação de acontecimentos políticos bem como a relação da ironia com a (im)polidez³. A construção desse *corpus* ocorreu através de pesquisa de termos-chave de alguns acontecimentos políticos de grande repercussão nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*, sendo coletadas aquelas ocorrências potencialmente irônicas. Seleccionamos para análise em pauta duas dessas ocorrências, pautando-nos no alcance e engajamento da interação. O primeiro episódio escolhido (Episódio 1) é referente à declaração do Governador Paulo Câmara – “a situação está desconfortável” (SOUZA, 2017, *online*), a respeito dos casos de violência em Pernambuco. O segundo episódio selecionado (Episódio 2) se refere à declaração do Ministro da Saúde Eduardo Pazuello – “podemos separar o Brasil em Norte e Nordeste, que é a região que está mais ligada ao inverno do hemisfério norte, são as datas do hemisfério norte em termos de inverno” (JORNAL DO COMMERCIO, 2020, *online*), a respeito da situação dessas regiões na pandemia de covid-19. A interação do Episódio 1 consistiu na descrição da página de um evento-performático denominado *Desconforto*, já a interação referente ao Episódio 2 foi a interação completa (publicação e respostas) de um *tweet* da jornalista Vera Magalhães. As análises consistiram em observar, de forma situada, como o discurso do outro (governador ou ministro, num primeiro momento) foi retomado nas interações através do recurso da menção ecoante, buscando identificar como a incongruência irônica se construiu em relação às demais informações, compreender que direções a aresta avaliadora tomou em relação aos alvos e como a ironia se constitui como pertinente para os propósitos do ironista.

Portanto, o primeiro aspecto essencial para a pesquisa foi melhor delimitar o que se compreendia por ironia, para que a partir disso se pudesse abordar de maneira adequada a amostra selecionada. Para definir o fenômeno irônico, recorreremos às teorias mais expressivas dentro das perspectivas discursivas, por consideramos que a ironia ocorre na dimensão do discurso (HUTCHEON, 2000), em razão das funções avaliativas que desempenha. Desse modo, partimos de uma perspectiva discursiva com a proposta de Hutcheon (2000) de que a ironia é um fenômeno da linguagem e tem uma aresta avaliadora, relacionando ainda às reflexões de Brait (2008), para quem a ironia é uma estratégia interdiscursiva, e de Sperber e Wilson (1981), para quem a ironia se baseia necessariamente na menção de um discurso de outrem com objetivo de contestação.

³ A investigação vincula-se a um projeto maior sobre (im)polidez e construção da face na interação, apoiado pelo CNPq (Proc 30976/2016-4), a quem agradecemos.

Observar tais repercussões nos permite compreender como os fatos públicos ecoam nas interações públicas, ou seja, podemos recuperar a partir das interações, dos engajamentos na *web*, como tais declarações são recebidas, compreendidas e ressignificadas por parte da sociedade, ou seja, podemos compreender como esses fatos são avaliados e como a presença da ironia enquanto estratégia pode ser pista de compreensão dessas avaliações.

Ironia como estratégia discursiva: o recurso menção ecoante

O estudo parte da concepção de língua enquanto prática sociodiscursiva e concebe a ironia como uma atividade de linguagem, de tal modo que sua abordagem sob o viés da tradição lógica clássica (sentido literal x sentido figurado) não contempla a dinamicidade discursiva que permeia o fenômeno irônico ao minimizar seu potencial comunicativo (HUTCHEON, 2000), pois “a ironia não aparece apenas como um meio de expressar o contrário do que é dito, mas como modo de significar algo diferente – o contrário, às vezes, mas, não sempre – do enunciado” (BARROS; CINTRA, 2012, p. 70). Assim, reincorporamos o entendimento do fenômeno irônico ao fluxo da comunicação, tornando necessário investigar por que e como a ironia tem sido utilizada e compreendida. A ironia refere-se inicialmente à estratégia discursiva socrática baseada no fingimento com o objetivo de descortinar no debate o ridículo, as contradições dos oponentes (PLATÃO, 1965), podendo ser compreendida como uma estratégia discursiva (BRAIT, 2008) dotada de uma aresta avaliadora (HUTCHEON, 2000). Quanto ao modo de uso, podemos destacar que seu funcionamento, ou seja, sua compreensão se dá na interação, pois a ironia, como toda atividade de linguagem, é um jogo para dois (MUECKE, 1995). Em função disso, a construção do sentido irônico pode apresentar mecanismos de expressão específicos, que levem o interlocutor a considerar a possibilidade de intento irônico.

Os objetivos subjacentes à ironia são um aspecto recorrentemente evocado, desde sua gênese em relação a Sócrates. Sendo uma estratégia discursiva cuja trama se constrói principalmente sob o pilar do fingimento, a vantagem da ironia comumente destacada é o contorno impreciso, dúbio da relação do enunciador com o seu enunciado. Embora essa imprecisão possa ser confortável para o ironista, por torná-lo “extremamente difícil de atacar precisamente porque é virtualmente impossível fixar seu texto de maneira convincente” (MOI, 1985, p. 40 *apud* HUTCHEON, 2000, p. 35), é necessário ponderar que a incerteza interpretativa pode acentuar o grau de desgaste da enunciação irônica (BRAZ, 2018), pois ela pode exigir um esforço interpretativo maior, dificultar a compreensão de imediato e catalisar conflito (SANTANA, 2020).

Porém, se essa incerteza interpretativa pode, por um lado, fazer da ironia um jogo arriscado para o ironista, por outro, possibilita que “um falante dirija comentários a um ouvinte que os entenderá bastante bem, fará saber que os entendeu e, contudo, nenhum dos participantes será capaz de responsabilizar o outro pelo que foi entendido” (GOFFMAN, 1974, p. 515). Assim, a ironia, “ao possibilitar ao ironista a dubiedade, também lhe permite a negação do julgamento que, apesar de não explicitado, é comunicado, por poder ser inferido” (MARQUES, 2016, p. 61). Isso ratifica o caráter estratégico da ironia dentro de um sistema considerado ofensivo e opressor (HUTCHEON, 2000, p. 35), pois permite que a avaliação, associada à atitude do enunciador (o não dito da ironia) perante o enunciado (o dito), não seja necessariamente explicitada. Desse modo, se é em relação ao enunciado que a atitude avaliadora se dá, o sentido irônico deve ser tomado não como o oposto do que foi dito, mas como inclusivo e relacional, com dito e não dito coexistindo para o interpretador, e cada um fazendo sentido em relação ao outro porque eles literalmente interagem para criar o verdadeiro sentido irônico (HUTCHEON, 2000, p. 30). Esse funcionamento possibilita o caráter estratégico da ironia tanto em relação aos seus objetivos quanto em relação à sua própria configuração.

Para Brait (2008), a ironia é, como toda manifestação discursiva, baseada na interdiscursividade, ou seja, no fato de que nossos discursos são sempre constituídos por outros discursos que os precederam e os sucederão (BAKHTIN, 2003). Assim, a enunciação irônica pode utilizar dos discursos que a precederam, tornando-os objeto do próprio discurso, num “jogo, que se estabelece entre um texto e as presenças constitutivas de seu interior” (BRAIT, 2008, p. 140), sendo várias as estratégias de incorporação discursiva. No entanto, Brait alerta que aquelas estratégias com objetivo irônico “não assumem, como tal, a função de erudição, no sentido de invocação de autoridade”, mas sim “são formas de contestação da autoridade, de subversão dos valores estabelecidos que, pela interdiscursividade, instauram e qualificam o sujeito da enunciação, ao mesmo tempo em que desqualificam determinados elementos (2008, p. 141). Nesse ponto, a incorporação do discurso do outro com objetivo de avaliar negativamente determinados elementos associa-se ao funcionamento socrático da ironia, em que Sócrates incorporava a asserção dos oponentes para lhes descortinar o ridículo. Esse mecanismo de expressão de ironia é desenvolvido de forma mais contundente na perspectiva da ironia como interdiscurso (BRAIT, 2008) e menção (SPERBER; WILSON, 1981).

O recurso da menção surge como ponto de interesse dentro dos estudos linguísticos sobre ironia a partir dos anos 1960, embora haja certa alusão a esse mecanismo durante toda a trajetória de reflexões sobre a ironia, desde Sócrates, como já dito, passando pelo Romantismo alemão, com a apropriação e reprodução de valores e discursos burgueses no interior da arte

romântica mostrando-lhe o absurdo (BRAIT, 2008). Aqui incorporamos, junto ao caráter discursivamente estratégico e à aresta avaliadora da ironia, aspectos da teorização da ironia como menção através da formulação de Sperber e Wilson (1981), que, com base em Grice, focalizam a ironia em relação à noção de implicatura, definida como mecanismo linguístico em que “se pode comunicar mais do que efetivamente se diz” (LEVINSON, 2007, p. 126).

O primeiro ponto da teoria da ironia como menção reforça o caráter adicional da implicatura e rejeita a noção de substituível, ou seja, a implicatura irônica, para os autores, não pode ser o oposto do que foi enunciado. Indo além, os autores argumentam que a violação da máxima de verdade, como apontado por Grice, não seria suficiente para a explicação da ironia (SPERBER; WILSON, 1981, p. 309), pois há enunciados que violam a máxima de verdade, mas não implicam ironia, a exemplo das mentiras. Para os autores, portanto, a ironia é um tipo de enunciado em que a máxima de verdade é violada, mas cuja significação é construída justamente na fricção entre o que é enunciado e a implicatura irônica, o que depende naturalmente de inferências e do princípio cooperativo e inclui a noção de pretensão irônica, ou seja, a postura avaliadora. Essa formulação converge com a proposta de Hutcheon (2000) de que dito e não dito coexistem na significação irônica, que um só faz sentido realmente irônico em relação ao outro.

Os autores exploram o conceito de implicatura para, então, esclarecerem, de fato, a preferência do sentido irônico em detrimento do enunciado literal. Refletindo sobre como a natureza do dito tanto quanto a implicatura irônica contribui para a significação irônica, articulam a concepção platônica da ironia com a distinção menção-uso advinda da Lógica clássica. Para Sperber e Wilson, a gênese da ironia como *ieron* encerra a figura do ironista como um ator, cujo discurso enunciado (o dito) é a fala de um personagem que o ironista procura representar. No entanto, tal representação serve não para enaltecer o enunciado retratado, mas justamente contestá-lo, assinalando as inconsistências, as contradições e mostrando-lhe o ridículo, direcionando a ele a atitude irônica (não dito). Sperber e Wilson defendem, portanto, que a ironia consiste na fricção entre esse enunciado e a atitude irônica, ocorrendo a implicatura irônica *sobre* o enunciado mostrado.

É nesse ponto que o funcionamento interdiscursivo da ironia, de apresentar uma sentença para contestar-lhe o valor, se relaciona à distinção feita pela lógica clássica entre a menção e o uso. O uso se distingue da menção ao ser uma expressão que envolve a referência a que a expressão se refere (SPERBER; WILSON, 1981, p. 303) e ao ter o seu valor pragmático adotado pelo enunciador. Já a menção é uma expressão que envolve a referência à expressão em si (SPERBER; WILSON, 1981, p. 303), se tornando um objeto do discurso de caráter

metalinguístico. Nesses termos, a ironia seria um caso de menção, pois, embora o ironista enuncie “como se nunca houvesse duvidado do que parece estar dizendo” (MUECKE, 1995, p. 57), a natureza da ironia se baseia no fingimento do ironista em ser um personagem cujo discurso é representado para ser contestado. Assim, ao mesmo tempo em que se menciona a expressão, se recusa a carga pragmática associada, atribuindo-lhe outro valor. Portanto, diante de uma expressão mencionada, mas não usada efetivamente, o interlocutor infere significados para além do dito, porém a implicatura irônica ocorre sobre a expressão mencionada, sem a qual “não haverá como explicar as atitudes de zombaria ou desaprovação do falante” (SPERBER; WILSON, 1981, p. 308). Essa atitude de desaprovação frequentemente tem como vítima o enunciador originário específico, reconhecível (SPERBER; WILSON, 1981, p. 314), mas os autores consideram possível a inexistência de vítima da ironia quando o enunciado ecoado não tem originário específico.

As perspectivas teóricas aqui apresentadas (HUTCHEON, 2000; BRAIT, 2008; SPERBER; WILSON, 1981) dialogam na concepção de que a ironia é, de fato, uma atitude do ironista, pois mesmo Sperber e Wilson, que destinam mais atenção à menção, à natureza do dito da ironia, destacam que não é apenas da menção de uma expressão que decorre a ironia, mas sim da atitude do ironista diante do enunciado mencionado. Por outro lado, se, para os autores, todas as ocorrências de ironia se edificariam necessariamente através da menção, para Brait (2008, p. 72), a estratégia da menção é recorrente na estruturação da ironia, mas não é exclusiva, existindo, no campo do interdiscurso, outras, tais como a estratégia da intertextualidade e a interferência de séries. Já Hutcheon (2000), cujo eixo central da reflexão é a aresta avaliadora, acrescenta à proposta da ironia por menção o qualificador *ecoante*, pois, se a ironia tem uma vítima, a menção deve ecoar essa vítima através da referência ao enunciador originário, recaindo sobre ele a aresta avaliadora da ironia e sendo relevante o papel do interlocutor nesse eco.

Por fim, no jogo da ironia, ironista e interpretador são partes igualmente corresponsáveis e importantes para o efetivo acontecimento irônico, ou seja, ainda que o ironista pretenda “estabelecer uma relação irônica entre o dito e o não dito” (HUTCHEON, 2000, p. 28), compete ao interpretador inferir essa intenção, fazendo a ironia acontecer, ou seja, “a ironia não é ironia até que seja interpretada como tal” (HUTCHEON, 2000, p. 22-23). Portanto, uma questão que se coloca é como é que o interpretador sabe quando e como enquadrar uma elocução dessa maneira irônica? (HUTCHEON, 2000, p. 210). Hutcheon argumenta que deve existir algo que sugere um enquadramento irônico e, conseqüentemente, um contexto em que a significação

irônica pode acontecer, mas destaca que “a dificuldade é que esse ‘algo’ pode diferir para cada interpretador ou pode nem mesmo existir para outros” (HUTCHEON, 2000, p. 213).

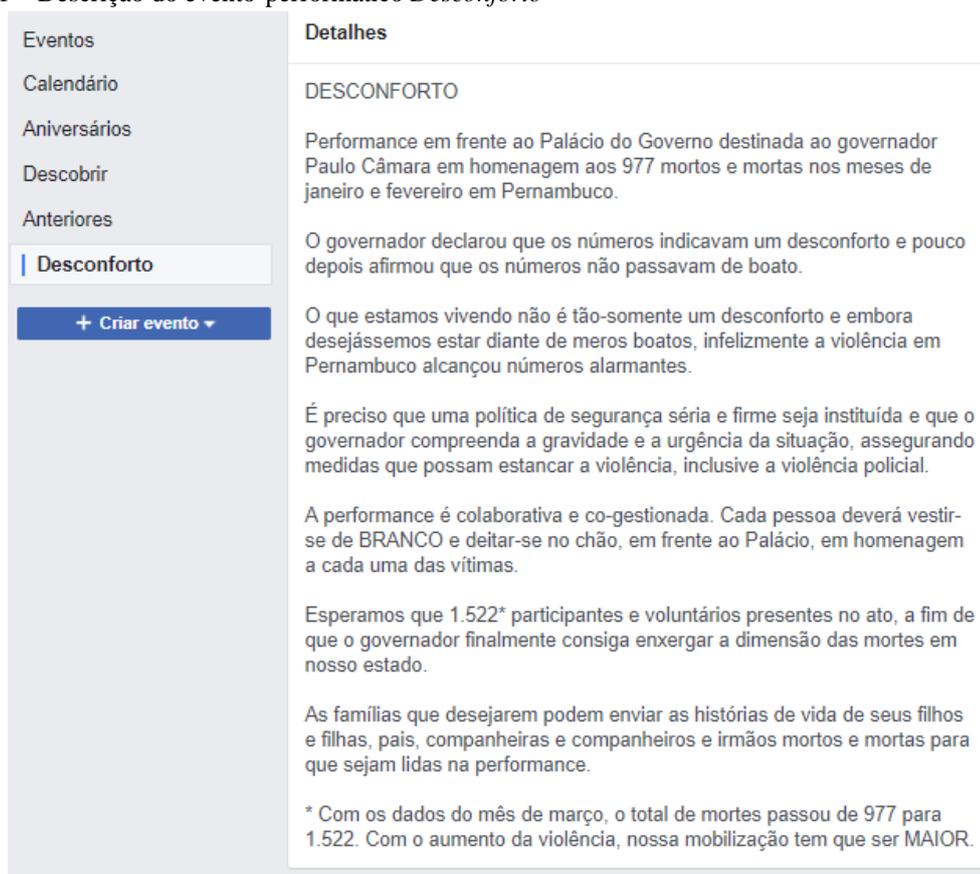
Algumas marcas socialmente convencionadas podem auxiliar na construção de enquadramento irônico e Hutcheon (2000) lista dois tipos de mecanismos de construção da ironia: os recursos metairônicos, que são sinais paralinguísticos cuja função reside em metacomunicar (BATESON, 1998) a existência do intento irônico, tais como riso, itálico, tom de voz; e os recursos estruturadores, que são modos de “estruturar uma base na qual se tornam possíveis tanto as semânticas relacional, inclusiva e diferencial e também aquela aresta avaliadora que caracteriza o significado irônico” (HUTCHEON, 2000, p. 222), ou seja, modos de construir um texto em que dito e não dito coabitem ironicamente, pertencendo a menção ecoante a este grupo. Cabe destacar ainda que, embora todas as ironias se constituam de elementos estruturadores, ou seja, através da incongruência instaurada entre o dito e o não dito, nem todas têm sinais metairônicos, tornando o jogo mais desafiador.

O jogo sempre arriscado da ironia

Considerando que o enunciado irônico, enquanto texto, “é uma proposta de sentido e se acha aberto a várias alternativas de compreensão” (MARCUSCHI, 2008, p. 242), buscamos na análise dos dois episódios selecionados observar as formas de incorporação discursiva de declarações de personalidades políticas com fins irônicos tanto em relação à aresta avaliadora da ironia quanto em relação aos processos de compreensão desses textos potencialmente irônicos, dada a significação sempre situada.

O Episódio 1 se refere ao governador de Pernambuco, que ao ser questionado, em entrevista de 9 de fevereiro de 2017, sobre ‘a gravidade da situação da segurança pública de Pernambuco’, declarou que “a situação está muito desconfortável”. Principalmente por causa de episódios expressivos de violência no estado, houve várias repercussões nas redes sociais, inclusive ironias, entre as quais destacamos a organização de um protesto através da página *Ato-Performance Desconforto* na rede social *Facebook*. O ato ocorreu em 19 de abril de 2017, no entanto, a análise aqui foca sua descrição como reproduzida abaixo.

Episódio 1 – Descrição do evento-performático *Desconforto*



The image shows a screenshot of a Facebook event page. On the left is a navigation menu with options: 'Eventos', 'Calendário', 'Aniversários', 'Descobrir', 'Anteriores', and 'Desconforto' (which is highlighted). Below the menu is a blue button that says '+ Criar evento'. The main content area is titled 'Detalhes' and contains the following text:

DESCONFORTO

Performance em frente ao Palácio do Governo destinada ao governador Paulo Câmara em homenagem aos 977 mortos e mortas nos meses de janeiro e fevereiro em Pernambuco.

O governador declarou que os números indicavam um desconforto e pouco depois afirmou que os números não passavam de boato.

O que estamos vivendo não é tão-somente um desconforto e embora desejássemos estar diante de meros boatos, infelizmente a violência em Pernambuco alcançou números alarmantes.

É preciso que uma política de segurança séria e firme seja instituída e que o governador compreenda a gravidade e a urgência da situação, assegurando medidas que possam estancar a violência, inclusive a violência policial.

A performance é colaborativa e co-gestionada. Cada pessoa deverá vestir-se de BRANCO e deitar-se no chão, em frente ao Palácio, em homenagem a cada uma das vítimas.

Esperamos que 1.522* participantes e voluntários presentes no ato, a fim de que o governador finalmente consiga enxergar a dimensão das mortes em nosso estado.

As famílias que desejarem podem enviar as histórias de vida de seus filhos e filhas, pais, companheiras e companheiros e irmãos mortos e mortas para que sejam lidas na performance.

* Com os dados do mês de março, o total de mortes passou de 977 para 1.522. Com o aumento da violência, nossa mobilização tem que ser MAIOR.

Fonte: Facebook (2017).

Podemos observar algumas referências ao governador e sua declaração. Já no seu próprio título o Ato-Performance *Desconforto* ecoa a fala do governador ao converter *desconfortável* em *Desconforto*, podendo ser considerado já um caso de incorporação do discurso do governador. Outra referência ao governador aparece também na descrição do evento no *site Facebook*, em que Paulo Câmara é considerado, primeiro, como destinatário do ato e parte do público da apresentação (Performance em frente ao Palácio do Governo destinada ao governador Paulo Câmara em homenagem aos 977 mortos...). Por fim, há na descrição a menção explícita à declaração do governador por meio de paráfrase (O governador declarou que os números indicavam um desconforto...), e tal menção feita nominalmente (O governador declarou) não permite que o conhecimento sobre essa declaração fique no campo dos conhecimentos extralinguísticos, apenas supostamente compartilhados.

Diante dessas referências explícitas à fala do governador, ponderamos que a ironia não decorre apenas da presença da expressão em si, sendo necessário inferir que a citação do discurso do outro é feita como menção, e não como uso, para que, então, possa incidir sobre essa citação a aresta avaliadora. Sperber e Wilson (1981) apontam que três fatores contribuem para essa compreensão como menção: a prosódia empregada pelo enunciador, a inadequação

da expressão ao contexto de uso e as palavras empregadas pelo falante. No caso analisado, a paráfrase da fala do governador é precedida de dados sobre a quantidade de mortos no estado “977 mortos e mortas nos meses de janeiro e fevereiro em Pernambuco” e é seguida do comentário “O que estamos vivendo não é tão-somente um desconforto”. Essas duas construções criam um contexto em que a declaração do governador se torna inadequada, de modo que seja possível rejeitar a sua carga semântica e considerar essa paráfrase como menção, com a qual se busca descortinar o ridículo do enunciado.

Além disso, o uso do ‘tão-somente’, “classificado habitualmente como um advérbio minimizador da força ilocutória da asserção” (BRAZ, 2018, p. 141), reforça esse tom inadequado ao contexto de homenagem a vítimas de violência, e, sendo “usado ironicamente, adquire a função oposta de intensificação” (BRAZ, 2018, p. 141). Assim, a incongruência entre a fala do governador e o tom empregado ao longo da enunciação leva o leitor a considerá-la uma menção e inferir uma intenção avaliativa, por exemplo. Outras interações destacando tais incongruências foram comuns nas publicações e comentários feitos na página do evento-performático, como “O Desconforto do governador matou mais uma pessoa” e “Mas para o governador Paulo Câmara, a situação está apenas desconfortável”, nesse último caso operando novamente o uso irônico de um advérbio minimizador (apenas) com função de intensificação.

Considerado esse panorama, é possível compreender que a menção à fala do governador busca avaliar negativamente o enunciado mencionado, e, ao referir o governador como enunciador originário, torna-o alvo da aresta avaliadora da ironia. Esse direcionamento do ataque irônico ao próprio destinatário contraria em parte o funcionamento da ironia, que considera que vítima e plateia não coincidem (HUTCHEON, 2000). Assim, embora esse funcionamento possa tornar em alguma medida a avaliação mais direta, na ironia, que “só pode ‘complexificar’, [...] não consegue nunca ‘desambiguar’” (HUTCHEON, 2000, p. 30), combinar vítima e plateia em uma só pessoa direciona a crítica, que, sendo indireta e compreendida por meio de inferência, se torna não apenas mais ofensiva como também mais estratégica.

O Episódio 2 analisado é um *tweet* da jornalista Vera Magalhães no contexto da declaração do Ministro da Saúde Eduardo Pazuello sobre as estações climáticas no Brasil durante a pandemia de covid-19, em que o Ministro afirma que “podemos separar o Brasil em Norte e Nordeste, que é a região que está mais ligada ao inverno do hemisfério norte, são as datas do hemisfério norte em termos de inverno” (JORNAL DO COMMERCIO, 2020, *online*). Tal declaração repercutiu amplamente na mídia e redes sociais, principalmente através da

publicação de memes⁴. A escolha pelo *tweet* de Vera Magalhães, feito em 10 de junho de 2020, se justifica pelo alcance da interação (170 comentários e 3,6 mil curtidas) e pelo jogo irônico operando em diversas direções, o que o torna interessante particularmente para investigar as condições envolvidas no processo de compreensão. Para tanto, aqui consideramos toda a interação decorrente dessa publicação inicial, analisando não apenas a significação irônica instaurada no *tweet* de Vera Magalhães, mas também processos de compreensão recuperados a partir das interações nesse *tweet*.

Episódio 2 – *Tweet* de Vera Magalhães



Fonte: *Twitter* (2020).

Inicialmente, destacamos que, nesse caso, o discurso do Ministro é apropriado de forma interdiscursiva, e não como uma menção explícita. A ironia se estrutura a partir da intersecção entre imagem e texto verbal, sendo de natureza multimodal (BARROS; CINTRA, 2012) e desafiando o interlocutor num jogo de mobilização de conhecimentos. Assim para a compreensão do intento irônico, é preciso que interlocutor mobilize conhecimentos linguísticos

⁴ Memes são estruturas textuais disseminadas nas redes sociais, de caráter multimodal, com viés irônico (CASTRO; CARDOSO, 2015, p. 3) e de natureza replicadora.

e enciclopédicos mais específicos para que o enquadramento irônico seja possível (HUTCHEON, 2000; MARCUSCHI, 2008).

Tal mobilização de conhecimento de mundo leva o interlocutor a compreender a relação entre a imagem e a legenda instaurada na enunciação como, em alguma medida, incongruente. Para tanto, deve considerar que Garanhuns é uma cidade nordestina e o Nordeste não tem um inverno rigoroso como o retratado na foto, avaliando que o enunciado viola a máxima de verdade, o que possibilita ao leitor acionar uma implicatura. Partindo desse panorama de um significado adicional e mobilizando o conhecimento sobre a declaração do Ministro, é possível ao leitor associar essa incongruência à fala aparentemente incongruente – e aqui não entraremos na discussão técnica sobre esse ponto – do Ministro, feita no mesmo dia da publicação desse *tweet*, de modo a ecoar a fala de Pazuello. Nesse ponto, à implicatura inicial, pela violação da máxima de verdade, soma-se a inferência de atitude avaliativa, ou seja, a suposição de intento irônico, possibilitando não só que essa publicação seja compreendida como irônica, como também que o Ministro, em sua declaração, seja identificado como o alvo da avaliação.

Dada a inserção temporal do texto, é possível que, para aqueles que compartilham dos conhecimentos necessários listados acima, esse processo de compreensão ocorra de modo até mesmo automatizado; no entanto, para os que não compartilham de tais conhecimentos, a compreensão de publicações desse tipo se constitui um desafio (HUTCHEON, 2000). Nesse sentido, para a maioria dos interactantes houve a inferência de intento irônico, possibilitando a significação da ironia pretendida, inclusive com reações adotando o mesmo tom ou ainda gerando episódios de conflito, discutido a seguir. No entanto, para outros 15 interactantes, a inferência de intento não foi feita e a significação irônica não foi alcançada, seja pela falta de identificação da violação da máxima de verdade ou pela falta de inferência de atitude avaliativa, como podemos ver em algumas respostas ao *tweet* reproduzidas abaixo.

Episódio 2 (cont.) – Algumas respostas ao *tweet* de Vera Magalhães 1



Fonte: *Twitter* (2020).

Os dois primeiros comentários presentes no Episódio 2 (cont.) – Algumas respostas ao *tweet* de Vera Magalhães 1 demonstram que os seus autores não consideraram que a publicação de Magalhães viola a máxima de verdade; no primeiro comentário “Vá a Martins/RN Vera. Lá é linda e fria.”, podemos compreender isso pela indicação de um lugar frio no Nordeste, assim como Garanhuns, mas não condizente com o parâmetro de frio instaurado pela paisagem retratada na publicação. Já no segundo comentário “Quem tem dinheiro 500k pode curtir, enquanto o povo, pega ônibus lotado, paga caro na comida que só aumenta por causa dos empresários mau caráter. Isso mesmo divirta-se”, o comentário tematizando a diversão da jornalista, contrastando-o com o sofrimento ‘do povo’, indica que o seu autor considera a proposição do *tweet* como verdadeira, ou seja, que a jornalista está viajando de fato, reforçada essa compreensão pelo comentário final “divirta-se”, em que há potencialmente uma ironia textual (mais recursos de expressão de ironia em Hutcheon, 2000).

No último comentário do Episódio 2 (cont.) – Algumas respostas ao *tweet* de Vera Magalhães 1, por sua vez, o próprio autor constata a violação da máxima de verdade ao caracterizar a autora do *tweet* como ‘Mitomaniaca’, no entanto, o autor não infere a partir dessa violação uma intenção de avaliação irônica, ou seja, se limita a avaliar essa violação como

mentira. Destacamos, por fim, o comentário do usuário ‘vai malandra’, que ao questionar “O que eu perdi?” explicita como o processo de compreensão é complexo e exige do leitor uma postura ativa, mobilizando conhecimentos enciclopédicos, factuais e, inclusive, linguísticos, para colocar em funcionamento o texto e seus potenciais significados. Nesse caso, o comentário denuncia a ausência de um horizonte máximo para a compreensão textual, essencial para processos inferenciais (MARCUSCHI, 2008); assim, mesmo reconhecendo a incongruência da publicação, a autora não consegue inferir o intento irônico e compreender efetivamente a ironia.

Por fim, ainda que a maioria dos comentários demonstre inferência de ironia e reforce a avaliação irônica de Magalhães, um achado relevante da análise foi a presença de comentários críticos à autora e à sua publicação irônica, com destaque para 15 comentários com informações referentes ao Chile e à fronteira do Brasil. A recorrência de uma mesma expressão ativou, durante a análise, conhecimentos prévios, a respeito de uma declaração da jornalista de que haveria portaria específica para fechamento da fronteira do Brasil com Uruguai e Chile (19/03/2020), cuja incongruência está na inexistência de fronteira entre Brasil e Chile. Portanto, a avaliação irônica da jornalista sobre o erro do Ministro da Saúde associada ao seu próprio erro de geografia oportunizou que os interactantes, particularmente aqueles simpatizantes do governo atual, evocassem sua fala anterior para lhe assinalar as mesmas contradições, avaliando a jornalista na mesma medida em que ela avalia o Ministro da Saúde em sua declaração e conhecimentos de geografia. Assim, o alvo da ironia direcionado ao Ministro da Saúde é agora direcionado para a jornalista, transformando-a de ironista em vítima da ironia, o que aponta para a atualidade do jogo irônico, particularmente aquele pautado em formas de incorporação discursiva.

Episódio 2 (cont.) – Algumas respostas ao *tweet* de Vera Magalhães 2

- Giovanni** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Ain! Acho o inverno em Garanhuns tão "nouveau riche". Prefiro os Alpes na fronteira Brasil/Chile.
- Henrique** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Poderia ser também na parte norte de Macapá, acima da linha do equador, ou na Nicarágua, ou em Cuba, ou quem sabe na Flórida. Neva pra caramba nesses locais... Para a "jornalista" que acha que o Chile faz fronteira com o Brasil, interpretação errada é fíchinha.
- GLAUCIO** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Já sabe quais países fazem fronteira com o Brasil...???!!!
- Antonie** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
A jornalista [@veramagalhaes](#), aquela que tuitou que o Brasil faz fronteira com o Chile. ahAUhauhUAUa
- luis** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Tipo a fronteira do Chile né..kkk
- Jose** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Isso aí é na fronteira do Brasil com o Chile né ???
- Billy** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Garanhuns, fica perto da fronteira do Chile com Brasil ? 🤔
- Tião** [redacted] · 10 de jun
Em resposta a [@veramagalhaes](#)
Essa é a fronteira do Brasil com o Chile Vera?
[@taoquei1](#)

Fonte: *Twitter* (2020).

Convém destacar a presença nessas ocorrências de outros recursos de expressão de ironia, além da menção ecoante, tais como: a pergunta irônica, ou seja, a pergunta que finge ignorar aos moldes socráticos, presente em seis dessas respostas irônicas ao *tweet* de Magalhães; ou ainda a presença de alguns sinais paralinguísticos, como as aspas no termo jornalista e expressões de riso típicas da *web*. Tais recursos funcionam para os interactantes como pistas adicionais de intento irônico, possibilitando que eles atribuam um sentido adicional ao que está sendo comunicado. No caso do termo *jornalista* entre aspas, a incorporação discursiva mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2004) aponta para uma recusa do sentido envolvido na expressão, atribuindo-lhe outro valor, depreendido, pelo contexto de avaliação negativa, como depreciativo.

A partir dessas interações decorrentes do *tweet* de Magalhães, podemos compreender que o jogo da ironia é, como toda atividade linguística, compartilhado entre autor e leitor, mediado por textos. No entanto, diante de sua natureza dupla, ambígua, a corresponsabilidade no caso da ironia fica em evidência. Por outro lado, percebemos também que, uma vez compreendida, a avaliação implicada na enunciação irônica desperta sentimentos os mais diversos, inclusive tornando o próprio ironista vulnerável a conflitos e avaliações irônicas, pois, como nos lembra Hutcheon, existe uma carga afetiva na ironia que não pode ser ignorada e que nos aponta para que nada nunca é garantido na cena da ironia (HUTCHEON, 2000, p. 33-34).

Considerações finais

O estudo partiu de uma compreensão de ironia como uma atividade de linguagem estratégica utilizada, com fins avaliativos, para apropriação do discurso de outrem. Dadas as noções de língua como atividade constitutiva e de compreensão como processo inferencial que norteiam todos os estudos do grupo em que nos inserimos, a abordagem do fenômeno irônico como situado e dependente dos processos de construção de sentido ativados nos momentos de interlocução se revelou bastante adequada. No âmbito desse panorama investigativo, o trabalho identificou, especificamente, como declarações de personalidades políticas são na *web* incorporadas como estratégias argumentativas de resignificação de eventos. Dentre a pluralidade de estratégias para expressão de ironia, a pesquisa focou o recurso da menção ecoante, devido à sua proeminência em interações no contexto político, como aqui exemplificado e constatado no *corpus* ampliado. Os achados do trabalho indicam que os usos da menção ecoante são bastante eficientes na produção de ironia, pois, afinal, trata-se de usar a mesma construção literal para conferir novos significados ao enunciado, no caso, irônicos.

A partir das análises do Episódio 1 sobre evento-performático *Desconforto*, destacamos que, na descrição, o governador é tomado explicitamente como destinatário do evento-performático e que sua fala mencionada textualmente o torna também alvo da avaliação irônica. Isso porque a menção ao discurso de Paulo Câmara, feita em diversos níveis (no título, na descrição e ainda em outras interações da página), ocorre em meio a um contexto que a torna incongruente, induzindo o interlocutor a ressignificar os sentidos ali apresentados e gerar a implicatura irônica. Assim, infere-se o intento de avaliação irônica estruturada a partir de uma menção ecoante, constituindo o governador alvo dessa avaliação irônica por ser enunciador originário do enunciado mencionado, além de parte da audiência da performance. Essa convergência de plateia e vítima potencializa a ofensa da avaliação irônica, pois torna a vítima da ironia em própria espectadora da avaliação irônica.

Já nas interações decorrentes do Episódio 2 sobre o *tweet* de Magalhães, a referência à fala do Ministro feita implicitamente, através da referência a conhecimentos especializados, requer do interpretador um trabalho mais ativo de mobilização de conhecimentos extralinguísticos, possibilitando, só a partir dessa mobilização, relacionar a imagem, a legenda e a declaração do Ministro. Se, para a maioria dos interactantes, a ironia foi compreendida, cabe destacar que, para alguns interactantes, a falta de conhecimentos prévios mais específicos impossibilitou o reconhecimento da incongruência pela violação da máxima de verdade e impediu a inferência de intento irônico, levando à não compreensão da ironia pretendida na publicação. Dessa forma, é imprescindível conceber a ironia em sua natureza situada e tomar sua compreensão como eixo estruturador para a efetividade do intento irônico, ou seja, para avaliação irônica.

Por outro lado, como a fala do Ministro teve ampla repercussão na mídia e nas redes sociais, a maior parte das interações decorrentes da publicação de Magalhães sinaliza para a compreensão da associação irônica, gerando reações tanto de concordância quanto de discordância sobre a avaliação implicada. Considerando as discordâncias ao *tweet* de Magalhães, particularmente aquelas fundadas na ironia por meio da menção ecoante e cujo alvo da aresta avaliadora era a jornalista, podemos afirmar que a ironia enquanto estratégia discursiva fundada na menção ou interdiscursividade se mostra pertinente para além das figuras políticas, estendendo-se para as personalidades públicas.

Por fim, o fenômeno da ironia recebeu, substantivamente, mais atenção na área da literatura e, assim, embora importantes trabalhos possam ser encontrados, há ainda muito espaço para investigações, sobretudo no campo da linguística, por exemplo, pela implementação de estudos a partir de diferentes perspectivas teóricas. No campo dos estudos

discursivos, uma área que merece maior consideração é a que examina a relação entre a ironia e seus subtipos e a produção de impolidez / descortesia, podendo levar a diversas situações de conflito (SANTANA, 2020, BRAZ, 2018). Acreditamos, também, que deslocar o foco do estudo da perspectiva da produção linguística e centralizar a atenção nos processos interacionais envolvidos na comunicação interpessoal como um todo certamente levará a novos rumos na observação do fenômeno. Em outras palavras, postulamos que devemos tomar a interação como unidade básica de análise e observar a ironia como relacional e situada no âmbito desse contexto.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. *In: AUTHIER-REVUZ, J. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- BAKHTIN, M. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações). *In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 270-306.
- BARROS, K.; CINTRA, L. Ironia imagética em Saramago: pintando cavernas e jangadas com palavras. *Revista Investigações*, Recife, v. 25, n. 2, p. 67-86, jul. 2012.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Editora AGE, 1998. p. 57-69.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.
- BRAZ, A. Índices linguísticos da ironia e funcionamento discursivo em português. *In: NEVES, M. H. M.; BARROS, D. L. P. A gramática e seu interfaceamento com os campos de atuação na comunidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 133-146.
- CASTRO, L.; CARDOSO, T. Memes: os replicadores de informação. *In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS*, 2015, 6, São Cristóvão. *Anais...* São Cristóvão: UFES, 2015. p. 01-06. Disponível em: http://www.enpoleufs.com.br/edicoes/2015/textos/Lorena_Gomes.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.
- GOFFMAN, E. Frame analysis of talk. *In: GOFFMAN, E. Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern Press, 1974. p. 498-559.
- GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Editora AGE, 1998. p. 98-119.
- HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2000.

JORNAL DO COMMERCIO. Interino da Saúde diz que inverno do Nordeste tem relação com hemisfério Norte do planeta... **Jornal do Commercio**. Recife, 10 jun. 2020, Notícia, *online*. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2020/06/5611979-interino-da-saude-diz-que-inverno-do-nordeste-tem-relacao-com-hemisferio-norte-do-planeta--e-memes-explodem-na-internet.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LEVINSON, S. A implicatura conversacional. In: LEVINSON, S. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 121-163.

MARQUES, G. **Recursos de ironia em interações digitais**: um estudo do gênero compartilhamento de notícias. 2016. 208 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MARQUES, G.; BARROS, K.; COSTA, M. Ironia e (im)polidez em tempos de eleição: um estudo a partir de compartilhamento na página *Folha de S. Paulo* na rede social *Facebook*. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO, 2015, 6, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 2015. Online. Disponível em: [http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/Ironia%20e%20\(im\)polidez.pdf](http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/Ironia%20e%20(im)polidez.pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.

MIOTTI, C. **Ridentem dicere uerum**: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MUECKE, D. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

SANTANA, K. O ato de fala descortês irônico na rede social digital Facebook. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 50-77, 2020.

SOUZA, R. "Situação está muito desconfortável", diz governador sobre violência. **Rádio Jornal**, Recife, 09 fev. 2017, Notícia, *online*. Disponível em: <http://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2017/02/09/situacao-esta-muito-desconfortavel-diz-governador-sobre-violencia-52350>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SPERBER, D.; WILSON, D. Irony and the use-mention distinction. In: COLE, P. (Org.) **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 295-318.

Sobre as autoras

Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos Marques (<https://orcid.org/0000-0002-6159-9606>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); mestra em Linguística pela UFPE; graduada em Letras - Língua Portuguesa pela mesma instituição.

Kazue Saito Monteiro de Barros (<https://orcid.org/0000-0001-9024-6239>)

Doutora em Language and Linguistics pela University Essex; mestra em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE. Bolsista de produtividade nível 1 do CNPq.

Recebido em setembro de 2020.

Aprovado em dezembro de 2020.